

A SEMANA

JORNAL LITERARIO

ANNO I

Maranhão, 28 de Agosto de 1910

NUMERO 1

A SEMANA

A Atenas escangalhada, embora, hade ser eternamente a terra dos jornalcos: é raro o domingo em que não apareça por aí, algazarra da garotada, um de titulo pompozo e lan-tejolo de arabescos e calungas, — é raro; mas pobres deles, parece até caiporismo, ficam sempre no numero 1. Não ha forças humanas que façam os tais sujeitinhos dar passada na escabroza vereda do Jornalismo, como dizem eles nas estapafurdias apresentações.

Agora surjimos nós. Não fazemos promettimentos, não apresentamos programas espalhafatozos nem lampouco perfizeu calungados, mas, sentimos em nossos corações as caricias desse arcanjo divino que nos serve de Cireneu durante a in-fante trajetória pelo Calvario da vida, a quem os poetas chamam, adocicando a voz — A doirada Esperança, — proclamando convictos que nós não ficaremos no inicio de nos-so voo, que iremos mais longe.

E sabem porque?

Porque surjimos sob a égide de nossas gentilissimas leitoras, e nelas, nelas, somente, é que confiamos os nossos triunfos, o nosso dia de Amanhan...

Labor improbus omnia vincit!

REGOLBOXE

(A João Henrique, o grande amigo)

De uma feita!...

Sol apino, barbaro, flexivel... Dezerto tudo, ruas tristemente vazias, e nem sequer um sinal de vida nesta burguezia cidadela. E voltejando no espaço passejavam dois pombinhos brancos, alvadios, lestos, voando, voando...

Fazia calor, um calor implacavel de adoecer. Entanto bem cedo ao quebrar d'alvorada havia dezpen-cado torrencialmente um aguaceiro

rebelde e forte; e um frio perpassava encarquilhando, cortante quasi em rajada abruta... Mas, como tudo parecia invariavelmente era agora o calor que sufocava ameaçador como que houvesse uma fogueira na atmosfera!

Decíamos rua abaixo gotejantes, eu e o Daquino Ribas burguez fidalgarão sobrio e simpático, smarte e o seu todo quasi que uma obra prima da natureza: alto, moreninho aberto, espigado, elegante: cabeleira blaque delicadamente crespa e escandalozamente cheiroza; rosto redondo e polido; olhos cismativos e ternos; nariz petulante-mente afilado, labios jaldes e finos, orelhas... E era assim, muito assim, o Ribas!

Que de up-to-date.

Decíamos. Tudo parado!... E só um suave farfalhar de vento que de manco rebulia as folhas e trapas a sarjeta. O meu amigo ao lado já não podia mais. E bufava e amaldiçoava tres vezes esta terra e esse sol escandalozo ardente-mente carrasco e vibrante... Pois que lhe fazia mal, muito até, a ele neurastenico enfarruscado que nesse dia estava atacado.

O meu amigo (violento pasquineiro, diretor de um injenuo jornalco domingueiro falava-me do seu estado nevrotico e enfiou pelo seu amor, a paixão que o torturava, do seu supremo e arrebatado aneio, a sua maior ventura em me dizer a mim que Dolores lhe pertencia, era sua, unica e escluizivamente sua, essa escandula da companhia dramatica, *Societé Blanche*, que funcionava junto ao *Great the Coffe* e de subito porque lhe houvesse eu dito alguma coisa picante arrebalado, ribas lambido unns tons repelentes Daquino Ribas, enfiando o dedo indicador muito nervozo alanzou:

— Ora, bolas!... E mais ajitado, dando um jeito dobrado na mão, disse: olha! que queres? Já se não deve estranhar tal e tais cenas, mormente, mormente... A sociedade, ora...

— Repele-te sim, louco! Está sabido por toda a cidade a tua paixão ardente por uma fexerta mu-

lher da vida solta... Repliquei-lhe e ele:

— A vida é essa... A sociedade é uma enganadora ilusão! Não olha para dentro de si onde pompeiam os maiores escandalos acobertados por lama de dinheiro! Esta é boa! Sei cá de muitas aristocráticas cazadas até que praticam horrores, coizas de arrupiar cabelo! Olha a Lurina Balças, senhora fina de cotação na sociedade ocupando o primeiro banco, entanto...

Disse estendendo os braços e continuou a comentar fatos num mergulho alijero ao passado que nem saudades fazia... E decíamos. Chegamos, afinal, á porta dum *biciffet*, e estacamos. Era na praça. O Daquino calou-se, correndo o lenço ao rosto polido. E olhamo-nos mudos, contemplativos, num silencio temperado e frio como que quizessemos falar e houvesse alguma coisa a nos embargar a voz... Os nossos olhares trocavam-se chocozos num conxavo doce, naquelle linguagem secreta somente por eles compreendida.

O meu amigo convidou-me a entrar e acedi. Sentamo-nos, tendo ao centro uma mezita blaque e lustroza... E logo acudiu o garçom e um grogue reconvexo e gostozo, correu e mais outro, outro mais, quatro e cinco... Já era demaziadamente muito!

Daquino cambou a cabeça e ficou cido, numa voz arrastada, bebida murmurou escandecido, esfervelho, sem cauza:

— Coiza singularissima! A calunia, a mentira, o odio tacanho e reles dos impotentes, a adulação e inveja, são mandatarios absolutos desta terra, assassinaram o Dever e dezterraram para longe dos homens — a Justiça e a Verdade... E é porisso que já se diz, por aí, muita coiza de mim. Comenta-se portoda parte o meu amor com uma messalina! Ora, eu que naci para a Volupia e para a Lascivia, amo a Dolores e que me emporta a amaldição da sociedade, essa sociedade corrupta e regolboxa? A vida tal — al se nos apresenta, é assim mesmo,

Continua na quarta pagina.

A Semana

Jornal literário

Edição dominical

Assinatura por mez 500 Rs.

Toda a correspondência será dirigida à
Redação da A Semana, rua de S. João 35Em hipótese alguma serão devolvidos
os autógrafos.As produções, em prosa ou versos, re-
metidas à redacção estão sujeitas a critica.As assinaturas são pagas adiantada-
mente.

Venda avulsa 100 Rs.

A tapéra

Era uma tarde calida de Agosto, na quietude do céu azul não passava uma ave, uma nuvem sequer, tudo dormia a sesta.

A tapéra, envolta no sudario luminoso que avermelhava os muros derrocados, que fazia da poetica fazendo outrora movimentada e feliz um grande incendio rubro, assistia impassivel o tombar do sol no poente sob o badalar cadencia do e melancolico do Ave MARIA, na capelinha solitaria que demorava no alto da serra, muito ao longe, quazeimperceptivel atravez da bruma do crepusculo.

As laranjeiras copadas, floridas e perfumadas, ao longo das encostas, sacudiam a coma desgredada, compassadamente, acompanhando o murmuro saudoso do riacho que decia, de cascata em cascata, rumorejante e terno, como um colar tenuissimo de prata adornando o colo verde da montanha.

O pajem que me guiava, parando, satisfazendo a minha curiosidade estendeu o labio inferior em direcção á tapéra e começou a falar, contando a historia que aquellas ruinas guardavam intacta no sarcophago humido de suas paredes adornadas de trepadeiras multicores.

No teto esboracado do alpendre, sobre as vigas limozas, num idilio apaixonado, dois pombinhos brancos, em dulcissimos beijos arrulhavam felizes; o sertanêjo depois de fitar-os atentamente estendeu o braço nessa direcção e sorriu dizendo:

— Assim como aquelles dois pombinhos, de branco como eles, eu tambem os vi; nunca me esquecerei d'essa tarde de Dezembro...

Echicoteou o cavallo seguindo estrada além, falando, falando sempre na lenda da tapéra:

— Aquella arvore que se esgalha por sobre o deserto avarandado e junca o chão de folhas secas, estalejantes, estava então envolvida na loira tunica de suas flores.

Mario, moreno, desse moreno pallido que encanta, de cabelos bastos e encaracolados e de sublime negrura, no florecer pompozo da mocidade, era o senhor deste sitio, o possuidor das terras todas destas beiradas e o chefe de uma tribu submissão de escravos robustos.

Um dia, vinha eu rumo da vila, e, sobre a fronde verde de um cajueiro altivo ao sussurro melodioso das confissões de amor, percebi a figura simpatica do mancébo, curvado a meio, na contrição de um crente, de joelho, aos pés de uma formosa joven:

— Elda, luz de minha vida, diz, confessa que tambem me amas, que sentes por mim a mesma paixão indomita que eu sinto; por ti proclama-a bem alto, que vá despertar nos ninhos, os passarinhos adorrecidos, na morbidez destas selvas, no seio esmeraldino destas matas...

— Mario... Suspirou a mimóza virgem, e pelas suas faces palidas como o rocio nas brancas pétalas das acucenas, uma torrente de lagrimas, cristalinas e puras, se despenhou dorida.

— Não me amas?...
— Eu quizera ser tua, eternamente tua, mas...

Um acesso de tosse embargou-a de concluir.

— Mas o que?

Elda quiz falar mas uma golfada de sangue manchou a sua alva «blouze» e rola inanimada nos braços tremulos de Mario.

Fuji, confesso; fuji deste logar para não assistir o dezenlace desta cena fatal que se apresentava ante meus olhos na mais apavorante realidade.

Anos depois quando eu passei outra vez por aqui, curvado já ao jugo da idade, encontrei esta tapéra, triste como as coizas velhas, um bom camponio, então, antigo escravo moreno moço que povoara estes sertões do mais sublime amor, contou-me comovido, com lagrimas sentidas, apontando-me tambem o pequenino casal dos brancos pombos que arrulhavam na carunchôza cumieira. — Pobres crianças; ela principalmente: vejo-a palida, aba-

tida, sacrificando o seu amor para não transmitir ao seu termo apaixonado a feroz enfermidade que a avassalava, que a levava ao ceu diziam que era tizica; vejo-a, pobre amante nesse sacrificio nobre, nessa abnegação sublime; vejo-a ainda numa manhã chuvôza de Janeiro, hirta, fuljindo entre uma profusão de rozas no seu sudario niveo, ao calor dos beijos tépidos de Mario; depois, oito dias mais tarde, o mancebo, pallido e transfigurado, sob a unção das lagrimas dos cativos que o estimulavam, ao som melancolico do pequenino sino que dobrava a finados, encerrado num caixão modesto, seguir vagaroso caminho do campo santo...

Ainda agora, continuou o escravo, depois de mortos mesmo, amam-se ainda, veja, aquellas duas aves são elles, são as almas de Mario e de Elda que habitam aqueles involucros plumôzos e que se fartam de caricias, e se extaziam de beijos!...

Agosto 1910.

Egdyer PESTANA.

Amor fatal

A Osilha Guimarães

N'uma manhã de primavera em que a natureza caprichosamente revestia-se de primorosas cores sorridentes para garbozamente abrir as portas do dia, descia a escadaria d'um castello antigo uma vizão matutina—d'aquellas que é raro ver—como disse Tobias Barrêto,—traçando roupão de tafetá cor de rosa envolto em graciosos apanhados de gaze, e, em seguida, com passos vagarosos e vacillantes, dirigio-se para uma extensa alameda no fim da qual, inquieto, esperava-a um joven mancébo, cuja figura fazia recordar o bello «Raphael» de Lamartine.

Ao vel-a, aproximou-se e tomando-lhe as mãos pequeninas, disse-lhe com effusão e respeito:—Oh! minha querida Consuelo! Como são longos os momentos de quem espera! Como tardavas, minha doce amada! Mas, em recompensa, vejo-te ao meu lado, e para sempre...

Partámos! Fugamos para um cantinho ignorado do mundo, onde a nossa união, abençoada por Deus e testemunhado pelos anjos, fará a nossa eterna felicidade! O nosso amor encherá de encantos e a gri-

as esse Eden de nossa vida! Ah! Descoras?! Hesitas?! Esqueces os juramentos firmados pelo nosso amor?! Ah! Prescinto que não serás minha! Fugamos antes de sermos surpreendidos!

Renato, meu querido Renato! Amo-te, amo-te muito! O meu amor é imenso como o infinito e só a potente morte o extinguirá, mas, a força indomita do dever, conduz-me ao sacrifício! E' impossível a aliança entre as nossas famílias. Oh! meu querido Renato, nunca serer tua esposa! Fugirei do mundo, refugiando-me na solidão d'um claustro. Sepultarei o nosso amor no coração onde minh'alma, ajoelhada, sorverá a longos trágos o calix da Saudade. Adeus! Vae! Esquece-me, se isso for possível, mas... Proferindo este «mas» insondável, a donzella cahiu inanimada nos braços do infeliz manco.

N'esse momento, souo nos ares o troar da corneta annunciando no castello a hora da caçada.

Renato, emocionado e com a alma despedaçada, depois de breves momentos de hesitação, cuidadosamente susteve nos braços a sua doce amada e, correndo desvalado, como um louco, inesperadamente chegou as bôrdas de um despenhadeiro: quiz recuar, mas as suas pernas, exaustas de cansaço, vacillaram e os dois infelizes precipitaram-se nas profundezas do abysmo, triste sepulcro de tão sublime amor!

Hevilda BOTTENTUIT.

CINEMATOGRAFO

Pois que efetivamente... *Le film d'art*!

Perdoem-me. E nem lá digam que estou a encapitar a força destas palidas linhas um *terrible* repulimento picativo dum pernóstico quente e arribatado, agros-

Nem tampouco é lá requinte! Mas, toca a andar... De uma feita o L. Costa e o A. Castro (orador do Congresso de Letras!) entraram-me caza dentro, palidos de susto, nuns tons morbozos de doído iluminado; e sem mais, repunaram-se ao divan, espalhados, bufando, molemente crispando os olhos.

Entroguai-lhes. E falou-me o

Castro; numa voz quasi de realezo malandro:

—Se visses... se visses o que vimos...

—Sonhando estaria melhor! ponderei.

—De fato...

—E que viram?

Um colosso, uma joia... Imagina tu que rapariguita, que sedução, ó encanto matativo!...

—Estás doido, estás doido?

—Qual lá o que pequeno! E's uma besta, pois que não viste aquele

—Mulher divina, grata miragem... repuliu o Costa num rebulir sonoro de labios.

—Olá isso! Guarda o poeta... Chocoteei levemente.

—Calma que isso não é plajio, replicou o Costa.

—Não é e nem o disse eu... voltei sincero e doce. E o Castro interrompeu como que arrebatado por forças magneticas de subita paixão efurvescente e penetrante, louca; e disse gesticulativo e serio:

—Mas que petiz! Eu a vi, isto foi em Maio. Floresciam as flores e com elas vinha... sei cá! Vi-a agora ali a travessa. E porisso como estou palpitante d'amor, como amo-a, e se ela soubesse, se ela me banhasse de luz d'amor sob a unção

—Que é?

—Que me ama, que vive p'ra mim...

—E debruçou molemente a cabeça. Grande desgraçado!... E estás p'ra a rebolar os olhos, palido d'amor, branquito d'amor, com uma ancia mordente e lasciva dum sensualismo brutal a espera da volupia ardente de aquela carne pompoza imponentemente adoravel que um dia decorará ao teu aconhego erotico de desejos; mas que agora te faz assim, ela a morena fidalga, picorêco e arrebatado!

—E o L. Costa com a boca molhada e doce a querer, a querer, a querer tambem, arfando de desejos e de erotismo, mas, p'ra tão caladinho, tão d'olhos rebolativos.

—Cruzes a vosses! Ave Maria!

Sairam. E vejam bem que *film d'art* e como andam os tempos de hoje! Vejam... E vão lá se fiar d'um desses...

Sant' Ana!

Um beijo e um abraço...

RUFINIUS.

DÓRA

II

Nas filigranas de onde, desse arrebol do teu amor, querida, contemplo um céu de sorrisos e de flores rumorosas...

Ouço pouco a pouco vibrar o christal sonoro da tua fallia cantante, e quando na mais calada meditação, te sinto junto a mim serena e casta, ouvindo a canção sentida do meu peito arfante de amor, velado de tristezas...

Sim, Dóra divina, em quanto de longe permaneces, meu pensamento adeja por regiões distantes, onde nem teus olhos cheios de luz o alcançam e, assim deslisa o amargo pranto que me brota n'alma, em catadupas de prata...

Tristezas...

Ah! véo nebuloso e frio que me reveste a alma, banhada por um pranto amargurado e triste.

Noite de Amargura, Via-Dolorosa da Saudade, a Saudade branca que me ennevôa o coração, onde scintilla livida a manhã do teu rostinho formoso, dos meus beijos!...

Tua saudade em mim, canta um epicedio plangente cujas notas sentidas me fazem vestir um rosario branco de lagrimas queixosas, o unico consolo que sinto na Noite escura do Sofrimento por ti, meu casto lyrio de amor.

E mesmo assim não te esqueço, flôr, e cada vez o teu amor me vibra com mais arder as fibras do coração.

E tu, que dises?...

—Amas-me assim?...

Sentes inflamar na tua alma branca de flôr, a cratera desse Vulcão de amor que me traz o coração espesinhado?

Vês tu ante os teus olhos claros, a imagem gracil de uma illusão nítida de amor?

Creio que sentes o que eu sinto e vês o que vejo: — sentes o calor almeante desse amor que em mim palpitam em ancias e delirios; vé a rosea figura que me bateja em todos os momentos da vida quando em ti penso, ora sorrindo aos teus sorrisos, ora beijando as petalas perfumadas da tua bocca pequenina e casta.

Lyrio do VALLE.

todo escandalo, toda necessidade... Amo messalina e quero-atão vulutuoza, seusualissima, para a lascivia brutal do meu amor! E para que ela seja minha unica e exclusivamente, é preciso que me afaste da sociedade, e dessa e vá té onde ela, escomungado e demoralizado para uns, e abençoado e honesto para outros, os impuros.

Era tarde. Lá fóra o sol decia o ocazo e rolava para o abismo. Uma briza leve e jelida ciciava, dentro, cocegando suave. O relójo, no alto da parede decorada e soberba, soluçava cinco horas tristes e compassadas, num ritmo chorocho de fadiga e de saudade... E Daquino molemente sentado, soltou uma gargalhada louca, ebria, histerica, que rumorejou no ar, estridente...

Ria-se todo ele. Estava embriagado, muito mole. Chamei-o para irmos á caça e nada! Ia lá o que... E agora chorava, chorava, como um petiz sapecado! Chamei-o novamente, que nos fossemos embora, que nos fossemos embora e elo nada, que não, que não... Ficava e sabia ir só, muito só!

Maldita embriaguez, trez vezes!

..

Dolôres, aquela messalina do vassa de tons melancolicos num amorenado suave e quente, entrava ao buffett e passava por nós indiferente e muda, completamente alheia, apegada aos braços d'outro. Era ela o amor estúpido, carnal, a paixão besta do meu amigo... E Daquino, ao vel-a, alevantou-se rabido, colérico e tremebundo, cambaleando e botou-se para ela...

Dolôres dezconheceu-o debuxadamente, e recuzou-o, não o queria mais a ele, tinha outro e que se retirasse, aborrecia-o solenemente.

Daquino estacou. Perpassou o olhar em redor e como visse a lhe seguir curiozo um apinhado de burguezes estatelados, arremessou-se contra amante, espofeteando-a... Quando de repente o Acrizio Ceiboulas, novo amantetico da messalina, emvestiu raiozo de beija em riste, tomando dezforço, espancando o meu pobre e prezado amigo...

Acomodei-os a ambos. E, embasbaquei num pasmo a olhar a Daquino, através da vidraça faiscante dum monoculo petulantemente ouzado, atrevido... Que escandalo, louvado Deus, formidavel escandalo para ele, Daquino Ribas, valerôzo e moral diretor d'O Guanabara, a ele que envestia arma contra este

e aquele sem vexame, sem o mais pudôr, combatendo Deus e apregoando os efeitos diabolicos de Lusbel; e, por sua vez, ditamando gratuitamente mas sempre apedentea truculento grandemente nefilibata.

Havia muita jentalhazinha corriqueira e malédica a comentar o cazo. E compreendendo-a, o meu amigo, pirou-se aos trapecôis bebado a cair de mole. Não queria companheiro, sabia ir só, dizia!

Deixei-o assim e ele o insistiu para que eu o deixasse. E lá se foi rua cima cambaleando...

Maldita embriaguez trez vezes!

S. Luiz—1910.

Anselmo JUNIOR,

Pastoral

Tarde ioira de Agosto. O matagal Resôna docemente, farfalhando; Vão cigarras zunbindo, azuis, em bando. E o gado geme e chôra no curral...

E chôra e gême alem, se entrechocando A franja verde-mar do palmeiral!... Bailam no ar, fuljindo, em espiral, Pírilampos, a mata fuzilando...

Pelo caminho, em frente da fazenda, A carro, abarrotado e preguicôzo, Seguindo rumo certo da moenda,

Vai chiando uma muzica dolente:— Agonizando á luz do sol-poente!...

1910—Agosto.

Eydhner PESTANA.

A FESTA

Ai, Saudade, fogo fatuo das venturas mortas errante sobre o coração!

Foi o que fui monologando domingo, ao perambular pela dezerta praça João Lisboa; ai tempos que já se foram e que não voltam mais!

Lembra-se o leitor da quelas noites iluminadas pelo luar alvissimo de Agosto, como era bela a festa, a tradicional festa de Santa Filomena; parece-me que ainda estou vendo aquelas amendoceiras vetustas formando um páleo verde rubro sobre as formozas jovens que, num vai e vem estentando garra-las e faceiras, enchiam de notas alacres o historico Largo do Carmo.

Talvez o leitor chame a isto loucura inqualificavel!—Mas eu aqui, no meu asnatico entender não acho: sabem de que eu tenho mais sandades? E da vermelha e penetrante poeira que açoitada pelas pobrezinhas das saias enuviava tudo, tudo envolvia numa talagarça ensanguentada.

E' era chic, quanto a isto nin-

guem pode negar; depois da queimação enfumacado dos «fogos» o pessoal debandava levando como lembrança, atado nas quatro pontas, o lenço recheiado de chupas e roletes e mais ainda, com o traje barreado até ao meio da perna por uma faixa teiroza.

E iam todos muitos contentes... Mas hoje? Não tem mais amendo-eiras, nem poeira, nem chupas e roletes e pode-se também acrescentar nem alegria, pelo menos é o que tenho prezenciado durante a festa que felizmente ja se esvai numa glacial dezanimação.

Que saudade dos tempos idos!!!

ROZAL

Daqui ha poucos dias apparecerá nesta cidade um novo periodico cujo nome pompozo de Rozal, receberá.

—Será exclusivamente literario, em bellissimo formato, dedicado á mulher maranhense, sob a direcção da nossa distinta confrade Hevilda Bontentuit, do «Congresso de Letras», e auxiliada por outras talentosas cultoras do verso e da proza sonora e doce.

O Rozal será um foco de luz, porquanto aqui jamais houve coisa igual, porque essas moças são dum indeferentismo burguez as coizas da intelligenza, de meter do il...

A crayon...

I
DÉA

Assim como o seu nome, nome que tem a docura de um beijo, a melodia de um trino, a melancolia de um ocazo, parece que foi feito para os labios immaculos dos anjos, assim seu corpo, tão delicado e franzino, parece que foi talhado pelo sublime Estatuario para, como um biscuit mignon, viver no nicho rubro do nossos corações, iluminado pela lampada de nosso Afeto, embalsamado pela mirra de nosso Amor...

E vive e vivará eternamente!... Quem a vê passar, envolvida nessa roupagem negra que tão bem lhe diz, fica sonhando, e sonhando vai repetindo maquinalmente, como uma prece divina, os sublimes versos do EMILIO DE MENEZES:

«Creio seguindo o teu saudoso rastro
Que vejo um cofre do ebano retinto
Resguardando uma estatua de alabastro!»

MARIO.